

Ministério da Cultura e JR Adamver apresentam

PROJETO  
**CANTA NEGRITUDE**

Cultura, Fé, Identidade e Protagonismo Negro

MARQUINHOS NEGRITUDE



Livro derivado do projeto CANTA NEGRITUDE

Patrocínio:



Apoio:

Secretaria de Estado  
de Cultura e  
Economia Criativa



Realização:

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



## APRESENTAÇÃO

O espetáculo Canta Negritude é uma experiência artística e educativa que valoriza a cultura afro-brasileira, a ancestralidade, a fé e o protagonismo da população negra. Mais do que um show musical, o projeto apresenta uma narrativa que une música, poesia, memória histórica e identidade cultural. Cada momento do espetáculo convida o público a refletir sobre a história do povo negro, celebrar suas conquistas e fortalecer valores como respeito, igualdade racial, autoestima e valorização da mulher negra. Realizado no dia 06 de fevereiro de 2026, no palco do Teatro Amazonas, o espetáculo reuniu músicos, intérpretes, dançarinos, artistas da cultura popular e representantes da tradição afro-brasileira em uma celebração da diversidade cultural brasileira.

O projeto foi realizado por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), com patrocínio da JR Adamver, apoio da AADC, e parceria institucional do Governo do Estado do Amazonas e do Governo Federal.

Obra de Marcos Antonio da Silva

## PREFÁCIO

O projeto Canta Negritude representa mais do que um espetáculo musical — é um manifesto cultural.

Em tempos onde a valorização da identidade e da ancestralidade se faz urgente, iniciativas como esta reafirmam o papel da arte como instrumento de transformação social.

Ao unir música, espiritualidade e narrativa, o projeto constrói pontes entre tradição e contemporaneidade, promovendo reflexão, pertencimento e consciência.

Este livreto é um convite para mergulhar nessa experiência, onde cada palavra e cada canto carregam significados profundos.

Ao ocupar o palco do Teatro Amazonas com protagonismo e verdade, o projeto reafirma a potência da cultura negra como elemento fundamental na construção da sociedade brasileira. Cada apresentação se transforma em um ato de resistência, valorização e reconhecimento, onde a arte se torna voz ativa na luta por igualdade e respeito.

Mais do que apresentar um espetáculo, Canta Negritude propõe um encontro — entre história e presente, entre artista e público, entre memória e futuro. É nesse diálogo que se fortalece a consciência coletiva, ampliando horizontes e inspirando novas formas de pensar, sentir e transformar o mundo.

## O PROJETO CANTA NEGRITUDE

Canta Negritude é um espetáculo musical que celebra a cultura afro-brasileira, abordando temas como fé, identidade, resistência e pertencimento.

Através da música e da performance, o projeto promove reflexão e valorização da história do povo negro, destacando sua contribuição para a formação cultural do Brasil.

## O ARTISTA

Marquinhos Negritude é artista, compositor e ativista cultural cuja trajetória se confunde com a própria pulsação da cultura popular amazonense. Dono de uma obra potente, marcada pela valorização da identidade negra, ancestralidade e resistência, construiu ao longo dos anos um legado sólido dentro e fora dos palcos.

Reconhecido como o compositor mais premiado da história do carnaval de Manaus, acumula 10 títulos e 4 Estandartes, consolidando seu nome como referência no cenário musical da região Norte. Sua arte atravessa o samba, a música autoral e os movimentos culturais, sempre carregada de propósito, verdade e representatividade.

Com apresentações emblemáticas no Teatro Amazonas, um dos palcos mais importantes do país, Marquinhos reafirma sua capacidade de dialogar com diferentes públicos, unindo tradição e contemporaneidade em performances marcadas pela emoção e autenticidade.

Mais do que músico, é um agente de transformação. Sua atuação vai além da arte, alcançando projetos culturais, ações sociais e iniciativas que promovem consciência, pertencimento e protagonismo preto, especialmente nas periferias de Manaus.

Sua voz não é apenas canto — é resistência, é história, é futuro.

## CONCEITO

O espetáculo Canta Negritude é construído a partir de elementos da cultura afro-brasileira, unindo música, espiritualidade e narrativa.

Cada momento representa uma expressão da identidade negra, trazendo à tona histórias, sentimentos e reflexões que dialogam com o público de forma profunda e verdadeira.

O espetáculo também incorpora duas performances femininas, que abordam temas como autoestima, força e protagonismo da mulher negra, ampliando a narrativa e fortalecendo a representatividade no palco.

Essas participações enriquecem a experiência artística, reafirmando o papel da mulher como símbolo de resistência, identidade e transformação.

## SUMÁRIO

### ROTEIRO DO ESPETÁCULO APRESENTADO NO TEATRO AMAZONAS

O Berimbau, O Mestre Camaleão e o Chamado da Ancestralidade.....	08
São Benedito Me Dá Tua Proteção .....	10
Canta Negritude .....	13
Não Sou Invisível .....	17
Somos a Existência que Pulsa - Jackeline Monteiro.....	21
Olhar no Espelho .....	25
A Nossa União .....	28
Eu Sei Que Você Não Está Nem Aí .....	31
É Página Virada .....	33
Princesa Dona Inês e Nêga Sabará - Cléia Alves.....	35
E Quando a Vitória Chegar .....	39
Pra Dar Tudo Certo é Preciso Acreditar .....	42
Teatro Amazonas .....	45
Manaus, Meu Amor .....	48
Largo de São Sebastião .....	51
Da África ao Amazonas, da Escravidão à Liberdade .....	53
Tambores, Crenças e Costumes Afro-Brasileiros, A Benção Mãe Zulmira.....	56
Síntese e Conclusão .....	59

## **O BERIMBAU, O MESTRE CAMALEÃO E O CHAMADO DA ANCESTRALIDADE**

O espetáculo Canta Negritude inicia-se com o som do berimbau, instrumento fundamental da capoeira e um dos símbolos mais profundos da ancestralidade afro-brasileira. Antes mesmo das palavras ou das canções, o berimbau abre o caminho espiritual do espetáculo. Seu som ecoa como um chamado antigo que conecta passado, presente e futuro, despertando a memória dos antepassados e preparando o ambiente para tudo o que virá.

O berimbau não é apenas um instrumento musical. Ele representa ancestralidade, sabedoria africana, resistência cultural e espiritualidade. Seu toque carrega histórias de luta, liberdade e construção de identidade, atravessando gerações como um fio que mantém viva a memória do povo negro no Brasil.

Na capoeira, o berimbau conduz o jogo. Ele orienta os movimentos, estabelece o ritmo e organiza a dinâmica da roda. Nenhum capoeirista joga sem antes ouvir o berimbau. Essa relação ensina escuta, disciplina, estratégia, autocontrole e respeito ao coletivo. Trata-se de uma pedagogia ancestral baseada no diálogo, na observação e na convivência comunitária.

Essa lógica também se reflete no espetáculo. Ao iniciar a apresentação com o berimbau, cria-se uma atmosfera de respeito e conexão espiritual. O público é convidado, antes de tudo, a escutar. Escutar a história, escutar a memória e escutar a ancestralidade que sustenta a cultura afro-brasileira.

Quem conduz esse momento é o Mestre Camaleão, educador e guardião da tradição da capoeira. Sua presença no palco representa a transmissão de saberes entre gerações e reforça o papel da cultura como instrumento de educação, identidade e inclusão social. Como mestre, ele atua como mediador entre tradição e contemporaneidade, mantendo vivos conhecimentos que atravessaram séculos de resistência.

Por meio da capoeira, o mestre promove valores fundamentais para a formação humana: autoestima, pertencimento, disciplina e respeito. A capoeira, conduzida pelo berimbau, torna-se assim um instrumento pedagógico de emancipação, desenvolvendo habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, além de fortalecer vínculos comunitários e ampliar horizontes culturais.

No espetáculo *Canta Negritude*, apresentado no palco do Teatro Amazonas, o berimbau assume um significado ainda mais potente. Ao abrir a apresentação em um dos espaços mais emblemáticos da arte brasileira, seu som reafirma que a cultura afro-brasileira ocupa e pertence também aos grandes palcos.

Historicamente associado à elite cultural, o teatro se transforma, naquele momento, em território de ancestralidade negra viva. O som do berimbau ecoando sob a cúpula do Teatro Amazonas não é apenas um recurso musical: é um gesto simbólico de reconhecimento, pertencimento e valorização da cultura afro-brasileira.

Mais do que marcar o início do espetáculo, o berimbau realiza um ato pedagógico e cultural. Ele conecta o público à memória da resistência, preparando o ambiente para que as canções de fé, amor, luta e protagonismo negro ganhem ainda mais significado ao longo da apresentação.

Ao soar naquele palco, o berimbau ensina que tradição e erudição podem dialogar. Mostra que cultura popular é patrimônio e que ancestralidade não pertence apenas ao passado — ela continua viva, pulsando nas expressões artísticas do presente.

Assim, quando o berimbau toca no *Canta Negritude*, ele faz mais do que iniciar um espetáculo. Ele convoca memórias, legitima identidades e conecta histórias.

Ele faz um convite silencioso ao público: escutar a ancestralidade.

E onde o berimbau toca, a ancestralidade vive.

E onde a ancestralidade vive, a negritude brilha.



Abertura do espetáculo com o som do berimbau conduzido pelo Mestre Camaleão, marcando o chamado da ancestralidade no palco do Teatro Amazonas.

## “SÃO BENEDITO ME DÁ TUA PROTEÇÃO”

### FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE NA ABERTURA DO ESPETÁCULO

O espetáculo *Canta Negritude* inicia-se com um momento carregado de simbolismo. Ao som do berimbau, instrumento ancestral da cultura afro-brasileira, Marquinhos Negritude entra no Teatro Amazonas caminhando pelo meio da plateia, aproximando-se do público enquanto canta a canção “São Benedito Me dá tua proteção”. Esse gesto quebra a separação entre palco e plateia e transforma o teatro em um espaço coletivo de celebração, fé e memória.

A escolha da música para abrir o espetáculo não é casual. Ela invoca São Benedito, santo negro muito venerado no Brasil, especialmente nas comunidades populares e afrodescendentes. Ao iniciar o show com essa louvação, o artista estabelece desde o primeiro momento uma conexão entre espiritualidade, cultura e identidade.

### **A FÉ COMO FORÇA CULTURAL**

Logo nos primeiros versos, a canção revela sua dimensão espiritual:

“SÃO BENEDITO  
ME DÁ TUA PROTEÇÃO  
A MINHA FÉ  
EU CELEBRO EM LOUVAÇÃO.”

Aqui, a fé aparece como experiência viva e cotidiana. Não é apenas uma prática religiosa formal, mas uma expressão profunda da espiritualidade popular. Ao pedir proteção ao santo negro, a música resgata uma tradição de devoção que acompanha comunidades negras há séculos.

Essa fé é também uma forma de resistência cultural. Durante muito tempo, manifestações religiosas afro-brasileiras e populares foram marginalizadas ou perseguidas. Ao celebrá-las no palco do Teatro Amazonas, o espetáculo reafirma o valor dessas tradições e sua importância na formação da cultura brasileira.

Ao unir samba, dança e fé nesses versos, a música ensina que a cultura negra sempre encontrou maneiras de sobreviver e florescer. O ritmo, o corpo e o canto tornam-se linguagens de liberdade.

## **A AFIRMAÇÃO POSITIVA DA IDENTIDADE NEGRA**

Um dos momentos mais fortes da canção está na afirmação:

“SER NEGRO É BÊNÇÃO  
É A CHAMA, A RAIZ.”

Esses versos transformam a identidade negra em motivo de orgulho e potência. Em uma sociedade marcada por séculos de racismo e desigualdade, afirmar que ser negro é bênção significa ressignificar a própria história.

A negritude aparece como raiz que sustenta tradições, valores e saberes transmitidos entre gerações. Ao mesmo tempo, é chama que mantém viva a luta por dignidade e felicidade.

### **LOUVAÇÃO E CONTINUIDADE DA TRADIÇÃO**

Na parte final, a música reafirma seu caráter de homenagem:

Aqui, o canto se transforma em gesto de gratidão e respeito à ancestralidade. O artista assume o papel de guardião e transmissor de uma herança cultural que atravessa gerações. Essa dimensão pedagógica é fundamental no espetáculo: ao cantar, Marquinhos Negritude não apenas apresenta uma música, mas compartilha uma história, uma fé e um legado.

“São Benedito Me Dá Tua Proteção” manda a mensagem:

A fé é parte essencial da identidade cultural afro-brasileira;  
Quilombos e terreiros são símbolos de resistência e liberdade;  
Ser negro é motivo de orgulho, raiz e força;

### **A TRADIÇÃO SE MANTÉM VIVA QUANDO É CELEBRADA E COMPARTILHADA.**

Ao entrar no Teatro Amazonas caminhando entre o público, acompanhado pelo berimbau e cantando essa louvação, Marquinhos Negritude transforma a abertura do espetáculo em um momento de encontro entre fé, cultura e ancestralidade.

A música inaugura o espetáculo afirmando que a Negritude canta, celebra e honra sua história. O palco se torna espaço de memória e o público é convidado a participar dessa celebração coletiva.

Assim começa o espetáculo Canta Negritude: com proteção, identidade e louvação.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



Marquinhos Negritude entra pelo meio da plateia cantando “São Benedito Me Dá Tua Proteção”, aproximando artista e público em um momento de fé coletiva.

## **“CANTA NEGRITUDE”**

### **PROTAGONISMO, DENÚNCIA E AFIRMAÇÃO NO PALCO**

Na sequência do espetáculo, após a invocação espiritual e ancestral de “São Benedito Dai-me Proteção”, a canção “Canta Negritude” marca uma virada narrativa: da fé que sustenta para a consciência

que mobiliza. Se antes o público foi convidado a louvar, agora é convocado a afirmar, refletir e posicionar-se.

“CANTA NEGRITUDE, SALVE NEGRITUDE!  
QUERO VER VOCÊ NÃO SE BALANÇAR  
QUANDO ESCUTAR O PRETO CANTAR”

O refrão funciona como chamado coletivo. Não é apenas uma exaltação identitária — é um convite à participação ativa. A música rompe com a plateia passiva e propõe envolvimento emocional e político. “Balançar” aqui significa deixar-se tocar pela verdade que ecoa do palco.

### **DA FALA PEJORATIVA À RECONSTRUÇÃO DA IMAGEM**

A estrutura poética da música parte de uma expressão historicamente marcada por preconceito: “olha aquele preto ali”. Em muitos contextos sociais, esse tipo de frase foi utilizada para apontar, vigiar ou inferiorizar.

Marquinhos Negritude ressignifica essa fala. Ele transforma o olhar de julgamento em olhar de reconhecimento:

“OLHA AQUELE PRETO ALI  
CANTANDO E SAMBANDO  
ESPALHANDO ALEGRIA”

O que antes poderia carregar suspeita agora carrega admiração. O sujeito negro é apresentado como agente cultural, produtor de alegria e movimento.

“OLHA AQUELA PRETA ALI  
DE FLOR NO CABELO  
QUE A LUZ IRRADIA”

A mulher negra é retratada como luz, estética e potência. A imagem rompe com estereótipos históricos e constrói referência positiva para meninas e mulheres negras.

“OLHA O PRETO SONHADOR  
QUE VOOU RUMO AO SONHO  
E VIROU CAMPEÃO”

O sonho deixa de ser privilégio e torna-se direito. A narrativa desloca o jovem negro do lugar de vulnerabilidade para o lugar de conquista.

Pedagogicamente, essa inversão ensina que a linguagem pode ser instrumento de opressão, mas também de emancipação. A canção promove letramento racial crítico ao transformar expressões pejorativas em afirmações identitárias.

### **A DENÚNCIA DO RACISMO ESTRUTURAL**

A música não se limita à celebração. Ela enfrenta a realidade:

“SEMPRE NA ALÇA DE MIRA  
O PRETO, O JOVEM, O DA PERIFERIA”

Aqui, o palco se torna espaço de denúncia social. A referência à violência e às decisões institucionais (“gatilho, caneta, bate o martelo”) revela que o racismo opera tanto nas ruas quanto nas estruturas de poder.

No contexto pedagógico, essa parte da canção favorece debates sobre desigualdade racial, justiça social e políticas públicas. A arte torna-se ferramenta de consciência crítica.

### **AUTORIA E PROTAGONISMO**

“O MEU SOM É DE PRETO, É UM MEGAFONE  
SOU PROTAGONISTA NO MEU CAMINHAR”

A voz negra não é eco secundário — é megafone. O sujeito escreve sua própria história, conquista seu diploma e carrega cicatrizes como marcas de resistência.

Essa mensagem reforça valores educacionais fundamentais:

Autonomia

Perseverança

Orgulho identitário

Valorização da trajetória pessoal

O protagonismo não depende apenas do “holofote”, mas do respeito. Essa distinção amplia o conceito de sucesso e dignidade.

### **A POTÊNCIA SIMBÓLICA NO TEATRO AMAZONAS**

No palco do Teatro Amazonas, a canção ganha dimensão histórica. Um espaço tradicionalmente associado à elite cultural torna-se território de afirmação da cultura afro-brasileira. A negritude não está à margem — está no centro.

A sequência do show constrói um caminho claro:

Primeiro, a fé e a ancestralidade sustentam.

Depois, a consciência e o protagonismo mobilizam.

“Canta Negritude” transforma arte em instrumento formativo. Ensina que celebrar identidade é também enfrentar desigualdades. Que cantar é ato político. Que ocupar o palco é reivindicar pertencimento.

Quando a negritude canta, ela não pede licença, ela afirma presença, ela denuncia injustiças, ela escreve sua própria narrativa e o público aprende que identidade negra é força, é história e é futuro em construção.

E nesse processo, o espetáculo não apenas emociona — ele desperta. Provoca reflexão, fortalece autoestima e planta consciência.

Cada voz, cada verso e cada gesto constroem pontes entre passado, presente e futuro, reafirmando que a cultura negra é viva, potente e indispensável na construção de uma sociedade mais justa.

É memória que resiste, é voz que ecoa, é presença que transforma.

No palco, a história ganha corpo e movimento.

E quem assiste não sai igual — sai mais consciente, mais forte e mais conectado.

► [Clique na imagem para assistir ao vídeo](#)



Momento de afirmação identitária durante a interpretação de “Canta Negritude”.

## **“NÃO SOU INVISÍVEL” VISIBILIDADE, MÉRITO E AFIRMAÇÃO DE VALOR**

Na continuidade do show, após a exaltação coletiva de “Canta Negritude”, a canção “Não Sou Invisível” desloca o foco para a dimensão individual da resistência.

Se antes a negritude era celebrada como coletivo, agora o sujeito assume sua voz própria e declara sua existência.

**“NEM ADIANTA FINGIR QUE NÃO ME VÊ  
NÃO SOU INVISÍVEL, NASCI PRA VENCER”**

A invisibilidade social é uma das marcas do racismo estrutural. Muitas vezes, a população negra é vista apenas quando associada a estereótipos negativos, mas ignorada em suas conquistas, talentos e contribuições. A canção confronta essa lógica. Declarar “não sou invisível” é reivindicar reconhecimento, dignidade e presença.

#### **AUTOCONHECIMENTO E AUTOESTIMA**

**“EU SEI BEM DO MEU VALOR”**

Esse verso é central no processo educativo. Antes do reconhecimento externo, há a consciência interna de valor. Trabalha-se aqui a construção da autoestima, elemento essencial para o desenvolvimento acadêmico, profissional e social.

Em contextos pedagógicos, a música pode estimular reflexões como:

Como reconhecemos nosso próprio valor?

De que forma o ambiente social impacta nossa autoestima?

Como fortalecer a autoconfiança em ambientes adversos?

#### **MÉRITO, ESFORÇO E CRÍTICA ÀS BARREIRAS SOCIAIS**

**“VIVEM FALANDO: TENS QUE TER QI  
MAS QUEM LUTA UM DIA VAI CONSEGUIR”**

O “QI” (quem indica) revela a crítica às estruturas de privilégio e exclusão. A música reconhece que o acesso a oportunidades nem sempre é igualitário. Contudo, reforça a importância da persistência e da fé.

Pedagogicamente, esse trecho permite discutir:  
Desigualdade de oportunidades  
Meritocracia e suas limitações  
Importância da qualificação e da perseverança

### **A FÉ APARECE COMO FORÇA MOTRIZ:**

“TENHO FÉ EM DEUS”

Espiritualidade aqui não é alienação, mas sustentação emocional diante das barreiras.

### **INVISIBILIZAÇÃO DO ESFORÇO**

“QUEM NÃO VÊ TEU CORRE  
VAI DIZER QUE É SORTE”

A sociedade muitas vezes reduz conquistas negras à “sorte”, apagando trajetórias de luta. A música denuncia essa narrativa e reafirma que sucesso é resultado de esforço contínuo.

Esse ponto é fundamental na formação crítica: reconhecer o trabalho invisível, valorizar processos e combater a deslegitimação das conquistas.

### **LIDERANÇA INSPIRADORA**

“TODO SER DE LUZ NASCE VENCEDOR  
BRILHA E FAZ O OUTRO BRILHAR”

Aqui surge um princípio pedagógico poderoso: protagonismo que inspira coletividade. O brilho individual não apaga o outro; ao contrário, ilumina caminhos. Trata-se de liderança ética, solidária e transformadora.

### **ARTE COMO PROJEÇÃO E IMPACTO SOCIAL**

“MEU SAMBA VAI ECOAR  
PRO MUNDO EU VOU VOAR”

O samba torna-se símbolo de projeção cultural e universalidade. A cultura negra não é local ou periférica — é global, é patrimônio.

“QUEM FAZ SEM SE IMPORTAR  
RECEBE MAIS DO QUE DÁ”

A mensagem final reforça valores como generosidade, autenticidade e propósito.

Essa progressão ensina que identidade se constrói em três dimensões: espiritual, coletiva e pessoal.

No palco do Teatro Amazonas, declarar “não sou invisível” tem peso simbólico profundo. É ocupar o centro da cena e afirmar pertencimento. É transformar o espaço histórico em território de reconhecimento.

A canção educa ao ensinar que:

Toda pessoa tem valor.

O esforço precisa ser reconhecido.

Nesse contexto, a canção também atua como instrumento de reconstrução simbólica. Ao afirmar sua presença, o sujeito negro rompe com narrativas históricas de apagamento e ressignifica sua própria trajetória. Não se trata apenas de ser visto, mas de ser reconhecido em sua integralidade — com história, talento, inteligência e humanidade. A visibilidade aqui é consciência, é direito e é transformação.

A visibilidade é direito, não concessão.

Protagonismo começa pelo autoconhecimento.

Quando a negritude afirma que não é invisível, ela não apenas canta — ela reivindica lugar na história.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



“Não Sou Invisível” afirma o direito à presença, ao reconhecimento e ao protagonismo negro.

## “SOMOS A EXISTÊNCIA QUE PULSA”

### A VOZ DA MULHER PRETA COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIA

Na sequência do espetáculo, após a afirmação de visibilidade em “Não Sou Invisível”, o palco silencia para ouvir. Jackeline Monteiro adentra em forma de monólogo. A música dá lugar à palavra. E a palavra torna-se corpo, história e ancestralidade.

“EU ESCREVO COM O CORPO.  
COM A VOZ DE QUEM VEIO ANTES DE MIM.”

O monólogo inicia afirmando uma epistemologia própria: o corpo como escrito. Pedagogicamente, isso rompe com a lógica tradicional que reconhece apenas o saber formal, acadêmico e registrado em livros.

Jackeline reivindica a legitimidade dos saberes da oralidade, dos quintais, dos terreiros, das cozinhas — espaços historicamente femininos e negros, muitas vezes desvalorizados.

### **MEMÓRIA QUE NÃO COUBE NOS LIVROS**

“COM A MEMÓRIA QUE NÃO COUBE NOS LIVROS, MAS  
COUBE NOS TAMBORES...”

Aqui há uma crítica direta à invisibilização histórica da população negra nos currículos oficiais. O tambor, símbolo recorrente no espetáculo, volta como arquivo sonoro da história. A pedagogia do monólogo propõe ampliar o conceito de fonte histórica: memória oral também é conhecimento.

Essa reflexão dialoga com a educação antirracista ao questionar:  
Quem escreve a história?

Quais vozes foram silenciadas?

Quais saberes precisam ser reconhecidos?

### **A EXISTÊNCIA QUE PULSA: PRESENÇA EM MÚLTIPLOS ESPAÇOS**

“ESTAMOS NA MÚSICA... NA CIÊNCIA QUE BROTA DO  
QUINTAL... NOS LABORATÓRIOS INVISÍVEIS DA  
SOBREVIVÊNCIA...”

O texto amplia o conceito de produção de conhecimento. Ciência não está apenas nos centros formais; está nas práticas cotidianas de cuidado, sobrevivência e reinvenção. A expressão “tecnologia do cuidado” é profundamente pedagógica: valoriza o saber ancestral das mulheres negras como produção intelectual e social.

### **HISTÓRIA PARA ALÉM DA DOR**

“NOSSA HISTÓRIA NÃO É SÓ DOR. É TAMBÉM RISO, FESTA...”

O monólogo rompe com a narrativa única do sofrimento. Reconhece a dor histórica, mas afirma também alegria, criatividade e invenção. Isso é fundamental na formação identitária: permitir que a população negra se veja para além da vitimização.

### **FEMINISMO NEGRO E POTÊNCIA GERADORA**

“EM MEU VENTRE, MORA A FORÇA DA MULHER PRETA...”

Aqui o discurso assume centralidade feminina. A mulher preta aparece como geradora de mundos, de movimentos, de vozes. A imagem da mulher que “transforma silêncio em presença” é poderosa pedagogicamente, pois trabalha autoestima, protagonismo feminino e consciência de ancestralidade.

### **CORPO COMO ARQUIVO E TERRITÓRIO**

“MINHA PELE É ARQUIVO VIVO.  
MEU CORPO É TERRITÓRIO DE MEMÓRIA.”

O corpo negro, historicamente objetificado, é ressignificado como território sagrado de memória e conhecimento. Essa afirmação fortalece debates sobre identidade, pertencimento e valorização das narrativas autobiográficas como ferramenta educativa.

**“NÓS NÃO PEDIMOS LUGAR. NÓS SOMOS O LUGAR.”**

O encerramento do monólogo é uma declaração de autonomia histórica. Não se trata de solicitar inclusão — trata-se de reconhecer que a presença negra é constitutiva da sociedade brasileira.

No contexto do show, o monólogo de Jackeline funciona como eixo reflexivo. Após a música afirmar visibilidade, a palavra aprofunda consciência. O espetáculo alterna canto e fala, emoção e reflexão, arte e formação crítica.

Pedagogicamente, essa sequência ensina que:

A oralidade é fonte legítima de conhecimento.  
A mulher preta é sujeito histórico e intelectual.  
Memória é ferramenta de emancipação.  
Existir é resistir — e também criar.

No palco do Teatro Amazonas, a voz de Jackeline não ecoa sozinha. Ela carrega gerações. Ela transforma o palco em sala de aula viva. Ela reafirma que a negritude não é silêncio — é existência que pulsa.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



Jackeline Monteiro apresenta o monólogo “Somos a Existência que Pulsa”, refletindo sobre memória, identidade e ancestralidade feminina.

Cada palavra atravessa o tempo e rompe invisibilidades, transformando emoção em consciência. O público deixa de ser espectador e se torna parte viva dessa narrativa.

## **“OLHAR NO ESPELHO”**

### **AUTOESTIMA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE**

Na continuidade do espetáculo, após a força coletiva de “Canta Negritude”, a afirmação individual de “Não Sou Invisível” e a profundidade reflexiva do monólogo “Somos a Existência que Pulsa”, o show ganha um tom íntimo e afetivo com “Olhar no Espelho”.

Marquinhos Negritude compõe a canção para sua filha, mas a oferece a todas as pessoas. Esse gesto já é pedagógico: o cuidado que nasce no ambiente familiar transforma-se em mensagem universal.

**“QUANDO SE OLHAR NO ESPELHO  
VEJA A BELEZA QUE TENS”**

O espelho aqui é símbolo de autoimagem. Em uma sociedade que historicamente construiu padrões excludentes de beleza, especialmente para corpos negros, esse verso atua como ferramenta de reconstrução identitária. É um convite para enxergar-se com dignidade e orgulho.

### **EDUCAÇÃO EMOCIONAL E AUTOESTIMA**

**“SINTA A FELICIDADE DE SER DE VERDADE”**

A música promove autenticidade. Ser “de verdade” é não se moldar a expectativas impostas, mas reconhecer sua essência. Pedagogicamente, isso dialoga com educação socioemocional, fortalecendo autoconfiança e identidade positiva.

**“APESAR DOS DEFEITOS, NINGUÉM É PERFEITO”**

Esse trecho humaniza. Trabalha aceitação e autocompaixão — habilidades fundamentais para o desenvolvimento saudável de crianças e jovens.

## **PROTAGONISMO E POSTURA DIANTE DA VIDA**

“SEJA PROTAGONISTA NO PALCO DA VIDA  
DE CABEÇA ERGUIDA”

A metáfora do palco conecta-se com o próprio cenário do Teatro Amazonas. Assim como o artista ocupa o palco com segurança, cada pessoa é convidada a ocupar seu espaço no mundo com dignidade.

Protagonismo aqui não é egoísmo, mas responsabilidade pela própria trajetória.

## **RESILIÊNCIA E FÉ**

“FICA DE PÉ, AJEITA A CARA  
E VAI PRA RUA LUTAR  
UM VENCEDOR NÃO DESISTE  
GUERREIA ARMADO COM A FÉ”

A canção reforça perseverança e espiritualidade como forças de sustentação. Não nega os desafios, mas ensina postura ativa diante deles. É uma pedagogia da resistência cotidiana.

## **ESCOLHAS E CONVIVÊNCIA**

“TE JUNTA COM GENTE DO BEM  
QUE É MELHOR PARA TI”

Esse trecho aborda convivência ética e construção de redes de apoio. Na formação humana, as relações são determinantes. A música ensina sobre escolhas conscientes e fortalecimento coletivo.

## **AMOR PRÓPRIO COMO BASE**

“TEM QUE SE AMAR, SE RESPEITAR  
SE VALORIZAR”

O encerramento sintetiza a mensagem central: autoestima é fundamento.

Para populações historicamente marginalizadas, amar-se é ato político. Respeitar-se é resistência. Valorizar-se é romper com narrativas de inferiorização.

Dentro da narrativa do espetáculo, “Olhar no Espelho” cumpre papel essencial: depois da denúncia social e da afirmação coletiva, é preciso fortalecer o indivíduo. O show constrói uma formação integral:

Ancestralidade e fé

Consciência social

Visibilidade

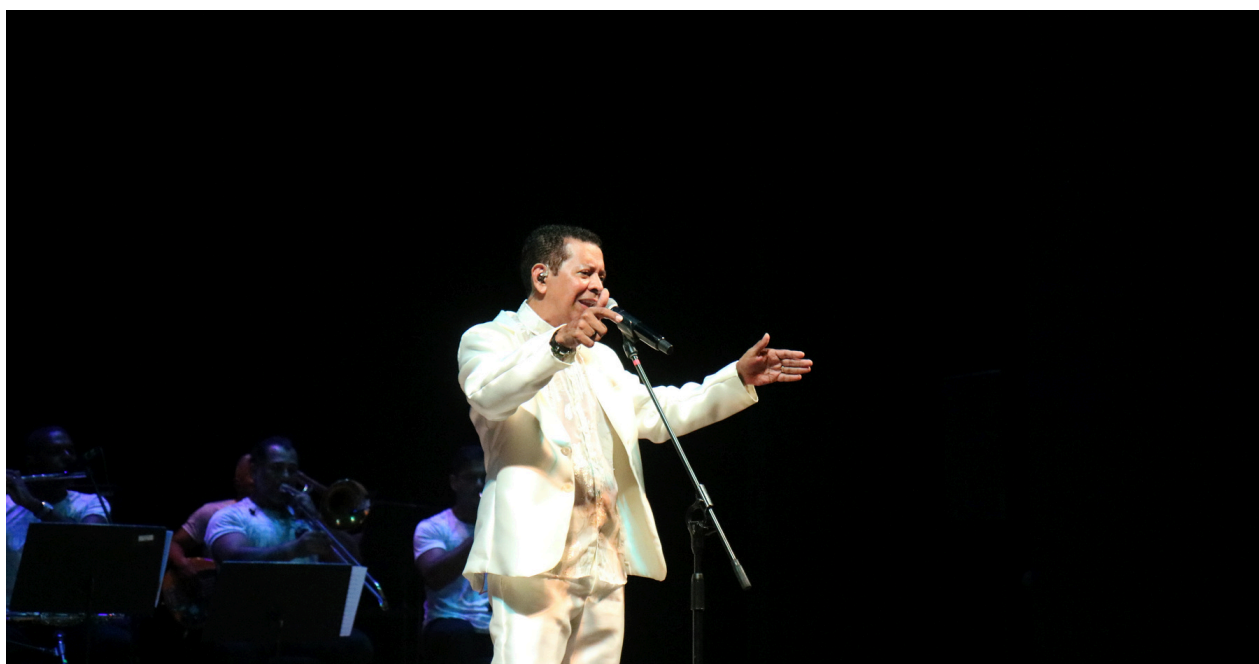
Memória feminina

E agora: autoestima e amor próprio.

No palco do Teatro Amazonas, a canção ecoa como orientação geracional. Um pai canta para a filha — e ao mesmo tempo para todas as crianças e jovens que precisam ouvir que são suficientes, capazes e dignos.

“Olhar no Espelho” ensina que transformação social começa na forma como nos vemos, porque quem aprende a se amar, aprende também a lutar com dignidade.

► [Clique na imagem para assistir ao vídeo](#)



Canção dedicada à filha do artista, transformada em mensagem universal de autoestima.

## **“A NOSSA UNIÃO”**

### **AMOR, FÉ E PARCERIA**

Após cantar ancestralidade, resistência, identidade e autoestima, o espetáculo alcança uma dimensão essencial da experiência humana: o amor. Em “A Nossa União”, Marquinhos Negritude revela um lado íntimo — a canção dedicada à sua esposa — mas, como em outras músicas do show, o sentimento pessoal transforma-se em mensagem coletiva.

Se antes a negritude cantou fé e resistência, agora ela canta o amor como continuidade da luta e da esperança.

### **AMOR COMO ENCONTRO TRANSFORMADOR**

“MEU OLHAR  
QUANDO OLHOU PRO TEU OLHAR  
JÁ DAVA PRA IMAGINAR  
QUE EU IA SER FELIZ AO TEU LADO”

O início da canção resgata a emoção do primeiro encontro. O amor é apresentado como reconhecimento imediato, quase intuitivo. Pedagogicamente, esse trecho permite refletir sobre afetividade saudável, respeito mútuo e construção de vínculos baseados na admiração.

Os sinais físicos descritos — “suor gelado”, “tremor no corpo” — humanizam o sentimento. Amar é também vulnerabilidade.

### **CONFIANÇA NO TEMPO E NA PROVIDÊNCIA**

“VEIO VOCÊ E ME FEZ CRER  
QUE NO TEMPO CERTO  
AS COISAS VÃO ACONTECER”

Aqui, o amor é associado à maturidade e à confiança no tempo. A canção ensina paciência, fé e esperança — valores fundamentais na formação emocional.

Quando ele canta:

“VOCÊ DISSE SIM E ACEITOU  
DAÍ PRA FRENTE  
É TODO SEU O MEU AMOR”

há a reafirmação de compromisso. O “sim” simboliza escolha consciente, parceria e reciprocidade.

### **AMOR ABENÇOADO E SUSTENTADO PELA FÉ**

E DEUS ABENÇOOU  
A NOSSA RELAÇÃO”

A espiritualidade, presente desde o início do espetáculo, reaparece agora como base da união conjugal. Fé não é apenas força individual, mas alicerce da vida a dois.

“NA ALEGRIA E NA TRISTEZA VOU TE AMAR”

Esse verso reforça o amor como decisão diária, não apenas emoção passageira. Trabalha valores como fidelidade, lealdade e compromisso.

### **AMOR COMO RESISTÊNCIA**

Num espetáculo que afirma a negritude em múltiplas dimensões, cantar o amor também é ato político. Historicamente, relações negras foram deslegitimadas, fragilizadas por contextos sociais adversos. Ao declarar publicamente uma união abençoada, o artista afirma estabilidade, afeto e construção familiar como parte da dignidade negra.

Dentro da narrativa do show, “A Nossa União” amplia a formação proposta:

Fé ancestral

Consciência social

Protagonismo

Autoestima

E agora: amor e parceria

O espetáculo ensina que resistência não se faz apenas na denúncia, mas também na capacidade de amar, cuidar e construir juntos.

No palco do Teatro Amazonas, essa canção traz suavidade sem perder profundidade. Mostra que a negritude não é feita apenas de luta — é também de afeto, de compromisso, de mãos dadas.

“MEU CORAÇÃO É TEU  
SEGURA A MINHA MÃO  
ABENÇOADA É A NOSSA UNIÃO”

A imagem final é simples e poderosa: duas mãos que se seguram.

E talvez seja essa a maior pedagogia do amor — caminhar juntos, com fé, respeito e propósito.

► [Clique na imagem para assistir ao vídeo](#)



Marquinhos Negritude e sua esposa — afeto, parceria e presença no palco da vida.

## **“EU SEI QUE VOCÊ NÃO ESTÁ NEM AÍ”**

### **QUANDO HISTÓRIAS DO POVO VIRAM POESIA**

Na sequência do espetáculo, Marquinhos Negritude apresenta “Eu Sei Que Você Não Está Nem Aí”, mas desta vez não canta uma experiência pessoal. A música nasce da história de amigos, de um amor vivido por outros, que ele escutou, acolheu e transformou em poesia e canção.

Esse detalhe é fundamental. O artista aqui assume também o papel de cronista afetivo, aquele que observa, sente junto e traduz em arte as emoções da comunidade.

#### **A ESCUTA COMO ATO CRIATIVO**

**“EU SEI QUE VOCÊ NÃO ESTÁ  
NEM AÍ PRO QUE EU SINTO”**

O ponto de partida é a dor da indiferença. Não é a dor do compositor, mas de alguém próximo. Ao transformar essa vivência em música, Marquinhos mostra que a arte nasce da escuta sensível. Ele legitima o sentimento do outro, dando-lhe forma, ritmo e voz.

#### **SENSIBILIDADE MASCULINA EM CENA**

**“O MEU FORTE CORAÇÃO  
DESCARTA A DESILUSÃO”**

A música apresenta um homem apaixonado, vulnerável, insistente. Em um contexto cultural que muitas vezes reprime emoções masculinas, a canção abre espaço para falar de sensibilidade, frustração e desejo de cuidado.

Ao cantar a história de um amigo, Marquinhos amplia o debate sobre masculinidades mais humanas e afetivas.

## **AMOR COMO CUIDADO E PROMESSA**

“O MEU CARINHO SERÁ FLORES  
NO TEU CORAÇÃO”

A metáfora das flores reforça a ideia de amor como cultivo. Não se trata de posse, mas de cuidado. O personagem da canção deseja conquistar oferecendo afeto, proteção e dedicação.

Essa perspectiva propõe relações baseadas em:

Respeito

Delicadeza

Responsabilidade emocional

## **A INTENSIDADE DO SENTIMENTO**

“VIESTES COMO UM FURACÃO  
E DESPERTOU MEU SENTIMENTO”

O amor é descrito como força inesperada. A intensidade faz parte da juventude, das amizades que viram paixão, das histórias que começam simples e ganham profundidade.

## **O PAPEL SOCIAL DO ARTISTA**

Dentro da sequência do show, essa canção cumpre função importante: revela que o cantor não fala apenas de si, mas da coletividade. Ele canta:

A fé do povo

A resistência do povo

O amor do povo

E agora, as histórias do povo

No palco do Teatro Amazonas, a música reforça que a arte é espaço de representação. Quando Marquinhos transforma a vivência de amigos em poesia, ele ensina que toda experiência humana tem valor narrativo.

A negritude, que já cantou ancestralidade, luta, autoestima e união, agora canta também as histórias simples e reais do cotidiano. Porque a cultura se constrói assim: ouvindo, acolhendo e transformando vidas comuns em canções extraordinárias.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



O amor insiste, resiste e encontra seu caminho

## **“É PÁGINA VIRADA”**

### **SUPERAÇÃO E RECOMEÇO**

O espetáculo avança e, após cantar fé, identidade, amor e vulnerabilidade, Marquinhos Negritude conduz o público a um momento de reflexão e maturidade com “É Página Virada”. A canção é um convite pedagógico ao autoconhecimento, à superação e à coragem de seguir.

### **MEMÓRIA COMO APRENDIZADO, NÃO COMO PRISÃO**

**“OLHO PRO MEU CAMINHAR  
E VEJO O QUE JÁ PASSEI”**

A música começa com um exercício essencial: olhar para trás. Não para se lamentar, mas para reconhecer o percurso. No campo educativo, isso dialoga com a ideia de trajetória — cada pessoa carrega uma história que a formou.

Reconhecer o que já se viveu é compreender que:

As dores ensinam

Os erros fortalecem

As experiências constroem identidade

### **INCERTEZA FAZ PARTE DO CAMINHO**

“SE PERGUNTAR O QUE VEM PELA FRENTE  
EU NÃO SEI”

A canção legitima o não saber. Em uma sociedade que exige respostas imediatas e sucesso contínuo, admitir incerteza é um gesto de maturidade. O tempo é apresentado como mestre:

“DEIXA QUE O TEMPO É REI”

Essa mensagem ensina a confiar no processo. Nem tudo está sob controle e está tudo bem

### **RESILIÊNCIA: PÉS CALEJADOS, CORAÇÃO OTIMISTA**

“A TRILHA DO TEMPO ME FEZ CALEJAR  
MAIS FORTE FICARAM MEUS PÉS”

A metáfora dos pés calejados representa resistência. Caminhar deixa marcas, mas também fortalece. Aqui, a experiência não endurece o coração — ao contrário:

“O MEU CORAÇÃO OTIMISTA  
PULSANDO FAZ ACREDITAR”

A mensagem central é poderosa: é possível atravessar dificuldades sem perder a esperança.

### **O NOVO COMO POSSIBILIDADE**

“QUE O SOL NO HORIZONTE A BRILHAR  
CLAREIA A MINHA ESTRADA”

O sol simboliza renovação. A cada amanhecer, uma nova chance. A pedagogia do recomeço ensina que fracassos não definem o futuro.

“QUE O ONTEM NA HISTÓRIA DA VIDA  
É PÁGINA VIRADA.”

Virar a página não significa apagar o passado, mas integrá-lo à própria história sem permitir que ele impeça o avanço.

### **EDUCAÇÃO PARA OUSAR**

“SEGUIR SEM TER MEDO DE OUSAR  
ENTREGUE A NOVA JORNADA”

A canção encerra com um chamado à coragem. Ousar é sair da zona de conforto, acreditar em novas possibilidades, reconstruir-se.

No contexto do espetáculo, depois de cantar ancestralidade, resistência, autoestima e amor, “É Página Virada” oferece maturidade emocional: a consciência de que a caminhada continua.

É uma aula sobre:

Resiliência

Esperança

Autonomia

Confiança no futuro

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



O futuro é construção. E a vida segue, sempre pronta para um novo capítulo.

## **“PRINCESA DONA INÊS” E “NÊGA SABARÁ”**

### **“PRINCESA DONA INÊS” – TRAVESSIA E RECONEXÃO COM A ÁFRICA**

A entrada de Cléia Alves não é apenas musical — é ritualística. Ela surge em cena cantando, dançando e conduzindo o ritmo do Agbê, instrumento tradicional presente nas manifestações do maracatu, e esse gesto estabelece imediatamente um campo simbólico de conexão e ajuste. A bela vestimenta de inspiração afro-brasileira amplia ainda mais a potência visual e cultural do momento.

O som do Agbê não entra como acompanhamento, mas como chamado. O ritmo cria um ambiente de reconexão ancestral, preparando o público para a travessia que virá. Antes mesmo da palavra falada, a música, a dança e o Agbê do Maracatu, unidos à presença cênica e à estética da vestimenta, já anunciam território, memória e pertencimento.

**“EU VOU PARA LUANDA, VOU BUSCAR SARAMUNÁ”**

Luanda simboliza África. A canção fala de ida, de retorno simbólico, de busca. Não é fuga — é reconexão.

**“EU VOU, EU VOU  
EU VOU PARA MARCHAR”**

Marchar aqui representa movimento político e cultural. É caminhar consciente rumo às origens e ao futuro.

A repetição do refrão cria ritmo quase ritualístico, reforçando a ideia de travessia. A música funciona como ponte entre Brasil e África, passado e presente.

### **NO CONTEXTO DO ESPETÁCULO, CLÉIA ALVES AMPLIA A NARRATIVA DA NEGRITUDE:**

Se Marquinhos canta protagonismo,

Jackeline canta existência pulsante,

Cléia Alves afirma a linhagem das mulheres negras.

Ela ocupa o palco como território político. Sua fala ensina:

A importância da memória histórica

O valor da autoafirmação racial

O protagonismo feminino negro

A conexão afro-diaspórica

O Teatro Amazonas, palco de tantas narrativas europeizadas ao longo da história, agora escuta a voz de uma mulher negra afirmando sua herança africana. Isso é reparação simbólica.

O show segue com “Nêga Sabará”, ninguém permanece igual. Porque identidade, quando reconhecida, transforma.

### **“NÊGA SABARÁ” ANCESTRALIDADE, IDENTIDADE E AFIRMAÇÃO DA MULHER NEGRA**

Na sequência do show, o clima muda. Se antes o público cantava e celebrava, agora é tomado por um silêncio profundo. Cléia Alves entra como um furacão — não de barulho, mas de presença. Sua voz ocupa o espaço e silencia a plateia com o monólogo “Nêga Sabará”.

#### **A GENEALOGIA DA FORÇA FEMININA**

MAKEDA, NANNY

CALIFIA, NIZINGA

AQUALTUNE, DANDARA

TEREZA DE BENGUELA

Cléia Alves inicia invocando nomes de rainhas, líderes e guerreiras negras da história africana e afro-diaspórica. Pedagogicamente, esse gesto é fundamental: ela reposiciona a mulher negra no lugar de liderança, estratégia e poder.

Em vez de começar pela dor da escravidão, começa pela realeza, pela resistência e pela organização política. É uma reconstrução histórica necessária para a autoestima coletiva.

## **ELA AFIRMA:**

“TODAS JUNTAS HERANÇA QUE TENHO  
E QUE ME DÃO INSPIRAÇÃO.”

Aqui, ancestralidade não é passado distante — é herança viva, é combustível identitário.

## **O APELIDO QUE VIRA CONSCIÊNCIA**

Quando Cléia compartilha:

“QUANDO EU ERA CRIANÇA EU JÁ SABIA QUE EU ERA UMA  
MENINA NEGRA.”

Ela apresenta a experiência da identidade racial desde a infância. O apelido “Nêga Sabará”, inicialmente apenas um nome carinhoso, ganha densidade histórica quando ela descobre que Sabará foi território marcado pela escravização.

## **ESSA PASSAGEM PROVOCA O PÚBLICO:**

“E VOCÊ? SABE DE ONDE VOCÊ VEIO?  
VOCÊ SABE QUEM VOCÊ É?  
VOCÊ SABE PARA ONDE VOCÊ VAI?”

Aqui está o eixo central do monólogo: identidade exige consciência histórica. Sem conhecer a origem, não se constrói o futuro.

## **A ANCESTRALIDADE COMO PERGUNTA VIVA**

A palavra final — “Ancestrais...” — ecoa como chamado. Não é apenas memória; é convocação. A plateia é levada a refletir sobre pertencimento, raízes e continuidade.

Cléia Alves transforma experiência pessoal em espelho coletivo.

Nesse momento, o palco se torna território de memória viva, onde passado e presente se encontram. A ancestralidade deixa de ser conceito e se manifesta como presença ativa e orientadora, convidando o público a se reconhecer como parte dessa continuidade.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



Cléia Alves reconecta o espetáculo à ancestralidade africana ao interpretar “Princesa Dona Inês” e o monólogo “Nêga Sabará”.

## **“E QUANDO A VITÓRIA CHEGAR”**

### **FÉ, PERSEVERANÇA E GRATIDÃO**

Após momentos intensos de ancestralidade, identidade e afirmação, o espetáculo segue com uma canção que assume tom de encorajamento coletivo. “E Quando a Vitória Chegar” é quase um conselho cantado — uma orientação ética e espiritual para quem está na caminhada.

### **PORTAS E POSSIBILIDADES: A METÁFORA DA INSISTÊNCIA**

“NEM TODA PORTA FECHA  
ESTÁ TRANCADA  
ÀS VEZES É SÓ UMA BATIDA  
PARA SE ABRIR”

A imagem da porta é didática e poderosa. Muitas vezes, desistimos antes mesmo de tentar. A canção ensina que obstáculos nem sempre são impossibilidades — às vezes são testes de persistência.

Nesse sentido, isso dialoga com:  
Incentivo à iniciativa  
Superação do medo  
Coragem para tentar novamente  
É um convite à ação consciente.

### **DO “NÃO” AO “SIM”: TRANSFORMAÇÃO PELA FÉ**

“TENHA FÉ! QUE O NÃO QUE ACORDA CONTIGO  
PODE VIRAR SIM”

Aqui, a música trabalha a dimensão emocional do fracasso. O “não” representa rejeição, dificuldade, portas fechadas, negativas sociais. Mas ele não é definitivo.

A transformação do “não” em “sim” exige:

Otimismo

Perseverança

Confiança em si

Fé

Não é uma promessa mágica — é um chamado à resistência ativa.

### **LEVANTAR A CABEÇA: POSTURA DE DIGNIDADE**

“LEVANTE A CABEÇA E SIGA A LUTAR  
ACREDITE EM VOCÊ  
QUE O MELHOR VIRÁ”

A postura corporal aparece como símbolo de autoestima. Levantar a cabeça é gesto físico e político. É recusar a submissão, é afirmar valor próprio.

No contexto do espetáculo — que celebra negritude, ancestralidade e igualdade racial — essa frase ganha ainda mais força. Trata-se de dignidade histórica.

### **A VITÓRIA E A ÉTICA DA GRATIDÃO**

“E QUANDO A VITÓRIA CHEGAR  
NÃO DEIXE DE AGRADECER  
A DEUS, NOSSO PAI  
E A QUEM LHE AJUDOU A VENCER”

A canção não termina na conquista individual. Ela amplia o olhar para a coletividade. Vitória não é mérito isolado, é resultado de apoio, rede, ancestralidade, comunidade.

Esse ensinamento é central:

Reconhecer quem caminhou junto

Valorizar quem estendeu a mão

Entender que ninguém vence sozinho

A gratidão aqui é ato de humildade e consciência social.

### **ESPERANÇA**

“E Quando a Vitória Chegar” funciona como síntese do espetáculo até aqui:

Fé em São Benedito

Protagonismo em “Canta Negritude”

Autoestima em “Olhar no Espelho”

Resiliência em “É Página Virada”

Ancestralidade com Cleia Alves

Agora, a mensagem é clara: continue. Bata na porta. Não se amofine. A vitória pode demorar, mas chega, e quando chegar, celebre com humildade.

Quando a vitória chegar, ela trará consigo a memória de cada luta vencida.

Será o reflexo da fé que sustentou e da coragem que não desistiu.

E então, a conquista deixará de ser sonho — para se tornar história vivida.

A negritude canta, luta, ama e também vence.

▶ Clique na imagem para assistir ao vídeo



Quando a vitória chegar, que a gratidão seja o primeiro gesto

## **“PRA DAR TUDO CERTO É PRECISO ACREDITAR”**

### **PROJETO DE VIDA E EDUCAÇÃO**

Na sequência do espetáculo, a mensagem ganha contornos ainda mais pedagógicos e práticos. Se antes falávamos de fé, resistência e gratidão, agora Marquinhos Negritude e Kleber Paiva apresentam quase um manual cantado de projeto de vida.

### **ACREDITAR É O PONTO DE PARTIDA — AGIR É O CAMINHO**

**“PRA DAR TUDO CERTO É PRECISO ACREDITAR  
TER OBJETIVO, IR À LUTA E TRABALHAR”**

A canção deixa claro que acreditar não é passividade. Fé sem ação não transforma realidades. A música ensina que:

É preciso ter metas claras

É necessário esforço contínuo

Trabalho é instrumento de transformação

Aqui, o protagonismo deixa de ser apenas discurso e se torna prática.

## **PLANEJAMENTO E ESTUDO COMO FERRAMENTAS DE EMANCIPAÇÃO**

“TRAÇAR METAS E SEGUIR  
NA ESTRADA, A BUSCAR  
PRA MELHOR INTERAGIR  
TEM QUE CONHECER E ESTUDAR”

Esse trecho é profundamente educativo. Ele coloca o conhecimento como ferramenta de ascensão e autonomia. Estudar não é obrigação vazia — é estratégia de libertação. No contexto da juventude negra e periférica, essa mensagem é poderosa: o estudo é instrumento de mudança social.

## **FLEXIBILIDADE E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

“RUMO AO SUCESSO NÃO TEM LINHA RETA NÃO  
GRANDE É QUEM SABE REPLANEJAR”

A música ensina algo essencial: errar faz parte. Replanejar é maturidade. Em vez de desistir diante de obstáculos, é preciso ajustar a rota.

Pedagogicamente, isso dialoga com:

Resiliência

Capacidade de adaptação

Inteligência estratégica

## **TALENTO E ESCUTA**

“É DIVINO O TALENTO, MAS É VIRTUOSO QUEM SABE  
ESCUTAR”

Aqui está um ensinamento raro: talento não basta. Saber ouvir é virtude. Escutar conselhos, aprender com experiências, respeitar o coletivo.

Essa frase reforça valores comunitários e colaborativos — ninguém cresce sozinho.

## **OTIMISMO COMO POSTURA ATIVA**

“SEJA OTIMISTA NA VIDA, LEIA OS SINAIS  
DESAFIOS ENCARAR, SEM TER MEDO DE OUSAR”

O otimismo apresentado não é ingenuidade, mas atitude estratégica. É a capacidade de:

Identificar oportunidades

Transformar desafios em aprendizado

Manter o sorriso como resistência

## **AMOR NO CENTRO DO SUCESSO**

“OTIMISMO, TUDO CERTO!  
MUITO AMOR NO CORAÇÃO”

O espetáculo, que começou com ancestralidade e fé, reafirma que o amor continua sendo eixo central — amor à família, à comunidade, à própria identidade.

Essa canção funciona como síntese pedagógica do show até aqui:

Acredite

Planeje

Estude

Trabalhe

Replaneje

Escute

Ame

A negritude que canta não vende ilusões. Ela ensina método, disciplina e esperança concreta. É cultura transformada em orientação de vida.

Pra dar tudo certo, é preciso acreditar — mesmo quando o caminho parecer difícil.

A fé se torna combustível para seguir, ajustar e continuar.

E é nessa constância que o sonho ganha forma e se transforma em realidade.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



Marquinhos Negritude interpretando 'Pra Dar Tudo Certo' — fé, persistência e propósito em cada verso.

## **“TEATRO AMAZONAS”**

### **UMA VALSA NO MEIO DO SAMBA**

Em um movimento surpreendente e elegante, o show “Canta Negritude” sai momentaneamente do eixo temático da ancestralidade afro-brasileira e mergulha na exaltação do Teatro Amazonas. Essa mudança não é ruptura — é expansão. É prova da versatilidade artística de Marquinhos Negritude.

E o mais simbólico: surge uma valsa no meio do samba.

### **O TEMPLO DA ARTE COMO TERRITÓRIO PLURAL**

“TEATRO  
MUITO MAIS QUE UM PALCO  
UM TEMPLO QUE DESPERTA A EMOÇÃO”

Ao chamar o teatro de templo, a canção reconhece o espaço como sagrado culturalmente.

Não é apenas arquitetura; é memória, história, arte acumulada. Historicamente associado à elite da Belle Époque e à ópera europeia, o Teatro Amazonas agora recebe o samba, a negritude e a cultura popular como protagonistas. Isso é, por si só, um gesto simbólico poderoso.

### **A BELLE ÉPOQUE E O PRESENTE QUE DIALOGA**

“A BELLE ÉPOQUE ENTRANHADA  
TANTA HISTÓRIA FOI CONTADA”

A música reconhece o passado luxuoso do teatro, mas o faz sem submissão. O artista ocupa o espaço com respeito, mas também com identidade. Ele não pede licença, ele celebra. Essa é uma aula de pertencimento: ocupar os espaços históricos não é apagar sua origem, mas ampliar suas vozes.

### **UMA VALSA NO MEIO DO SAMBA**

Ao inserir a valsa na estrutura do espetáculo, Marquinhos demonstra domínio estético. Ele transita entre gêneros, mostrando que a cultura negra dialoga com todas as expressões artísticas.

Essa fusão simboliza:

Encontro de tradições

Quebra de fronteiras culturais

Inclusão estética

Universalidade da arte

O samba não diminui a valsa. A valsa não silencia o samba.

Eles coexistem.

### **O TEATRO NO CORAÇÃO DA FLORESTA**

“EXUBERANTE  
NO CORAÇÃO DA FLORESTA  
SOB O CÉU MANAÓS”

A canção reforça a singularidade do Teatro Amazonas: um monumento europeu erguido na Amazônia, agora reverenciado por artistas amazônidas que cantam sua própria identidade.

“A CULTURA CELEBRA  
UM BANZEIRO DE EMOÇÃO”

O termo “banzeiro” — movimento forte das águas do rio — conecta o teatro à identidade amazônica. A emoção se torna movimento coletivo.

**ARTE COMO LIBERDADE**

“OPERA..., MAGIA..., UTOPIA...  
PURA ARTE, LIBERDADE  
TEATRO AMAZONAS  
MAJESTADE”

O encerramento da canção eleva o teatro à condição de majestade, mas não como símbolo distante, e sim como palco plural.

Dentro do contexto do show, essa música cumpre papel estratégico:

Mostra versatilidade artística

Reforça pertencimento cultural

Afirma que a negritude também é ópera, é valsa, é erudito

Amplia o conceito de identidade cultural

A valsa no meio do samba não é desvio. É afirmação de que a cultura afro-brasileira dialoga, ocupa e transforma todos os palcos.

Nesse encontro, tradição e identidade se reconhecem e se fortalecem. O palco se abre para novas narrativas, onde a cultura popular ocupa seu lugar de direito. A arte rompe fronteiras e redefine espaços, transformando símbolo em pertencimento. E o teatro, antes distante, passa a pulsar como expressão viva do povo.

E ali, sob o céu de Manaus, o Teatro Amazonas deixa de ser apenas monumento histórico, torna-se casa da negritude.



No palco do Teatro Amazonas, a negritude canta, ocupa e transforma.

## **“MANAUS, MEU AMOR”**

### **PERTENCIMENTO, GRATIDÃO E IDENTIDADE TERRITORIAL**

Depois de celebrar ancestralidade, resistência, fé, amor e arte, o espetáculo ganha um tom íntimo e afetivo. “Manaus, Meu Amor” é mais que uma canção: é uma declaração pública de gratidão à cidade que acolheu a família de Marquinhos Negritude.

Aqui, o artista reafirma que identidade também se constrói no território.

### **A CIDADE COMO ACOLHIMENTO**

**“MANAUS, TEM A ALMA HOSPITALEIRA  
ACONCHEGA A QUEM CHEGAR”**

A letra apresenta Manaus como mãe acolhedora. Não é apenas geografia, é abrigo, oportunidade, pertencimento.

Para quem migra, para quem recomeça, a cidade que acolhe torna-se extensão da família. Essa dimensão é profundamente pedagógica: ensina sobre convivência, diversidade e construção coletiva.

## **ORGULHO E IDENTIDADE LOCAL**

“MANAUS, MEU ORGULHO, MEU LUGAR!”

Assumir um lugar como seu é afirmar pertencimento. Marquinhos transforma a experiência pessoal em sentimento coletivo. Ele não apenas mora na cidade, ele cuida dela.

“VOU GRITAR PRO MUNDO INTEIRO  
QUE TE AMO E VOU CUIDAR”

Amar a cidade implica responsabilidade. Cuidar do espaço público, valorizar a cultura local, preservar a memória.

### **CULTURA, SABORES E PAISAGENS COMO EDUCAÇÃO SENSORIAL**

Na parte declamada, a música se aproxima da crônica popular:

Ponta Negra

Mercado e artesanato

Tambaqui, jaraqui, x-caboquinho

Rio Negro e Encontro das Águas

Largo de São Sebastião

Teatro Amazonas

Esses elementos constroem uma pedagogia do território. A cidade é apresentada por seus cheiros, sabores, paisagens e expressões populares.

Essa valorização fortalece:

Identidade cultural

Autoestima regional

Reconhecimento da diversidade amazônica

### **MANAUS COMO SÍMBOLO PLURAL**

“TERRA TÃO LINDA E MORENA NA COR  
O CORAÇÃO DA FLORESTA”

Ao chamar Manaus de “morena”, a canção dialoga com a própria negritude do espetáculo. A cidade é vista como espaço miscigenado, vibrante, plural.

Ela não é apenas cenário, é personagem.

## AMOR COMO COMPROMISSO COLETIVO

Quando Marquinhos canta:

“EU VOU É TE CUIDAR!”

Ele transforma a declaração em pacto. A relação artista-cidade se torna recíproca: a cidade acolhe, o artista honra.

No contexto do show, essa música amplia o conceito de protagonismo. Não é apenas protagonismo individual ou racial — é também protagonismo territorial. É reconhecer que a cultura afro-brasileira floresce na Amazônia, no coração da floresta, no palco do Teatro Amazonas.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



Declaração de amor à cidade que acolheu a trajetória do artista.

“MANAUS, MEU AMOR”, parceria com Bosquinho Poeta, encerra esse momento com alegria, ritmo e gratidão. A negritude que canta também agradece à terra que permitiu que sua voz ecoasse.

## **“LARGO DE SÃO SEBASTIÃO”**

### **MEMÓRIA URBANA E CONVIVÊNCIA**

O espetáculo segue exaltando Manaus, agora com foco em um de seus pontos mais emblemáticos: o Largo de São Sebastião. Se “Manaus, Meu Amor” declara amor à cidade, esta canção aproxima o olhar e celebra o espaço onde cultura, história e cotidiano se encontram

#### **O ESPAÇO COMO SALA DE AULA VIVA**

**“PRAÇA CHARMOSA E BONITA  
OLHANDO O TEATRO AMAZONAS”**

O Largo não é apenas uma praça — é um espaço de convivência e memória. Localizado diante do Teatro Amazonas, ele conecta arte, fé e vida popular. É um verdadeiro território educativo a céu aberto.

**“UM PRETO E BRANCO ONDULADO  
NO PISO DÁ INSPIRAÇÃO”**

O famoso mosaico ondulado do piso carrega influência estética portuguesa e dialoga com o movimento das águas amazônicas. A arte está no chão que se pisa, acessível a todos.

#### **FÉ E PATRIMÔNIO HISTÓRICO**

**“TEM A IGREJA TÃO BELA  
PRA FÉ RENOVAR  
O MONUMENTO CELEBRA  
A ABERTURA DOS PORTOS”**

Aqui, a música reconhece o Largo como espaço simbólico da história econômica e religiosa da cidade. A Igreja de São Sebastião e o monumento à Abertura dos Portos reforçam que aquele território guarda memórias políticas, culturais e espirituais.

A canção ensina que o espaço urbano também é documento histórico.

## **CONVIVÊNCIA E COTIDIANO**

“LUGAR TÃO ACONCHEGANTE  
PARA SE PASSEAR  
SABOREAR UM SORVETE  
UM CHOP GELADO PRA APRECIAR”

O Largo não é apenas patrimônio monumental, é lugar de encontros, risadas, famílias, artistas de rua, turistas e moradores. Ele democratiza o acesso à cultura.

Essa dimensão reforça valores de:

Convivência social

Ocupação cultural do espaço público

Valorização da vida coletiva

## **A CIDADE QUE CELEBRA**

“E QUANDO CHEGA O NATAL  
AS LUZES TE FAZEM ESPETACULAR”

O Largo se transforma em palco de celebrações, festividades e encontros. Ele pulsa junto com a cidade.

“É A HISTÓRIA PULSANTE QUE FAZ ME ORGULHAR”

O orgulho aqui é territorial e identitário. Amar a cidade é reconhecer seus símbolos.

## **O LARGO COMO EXTENSÃO DO ESPETÁCULO**

No contexto do show, essa música amplia a narrativa iniciada no Teatro Amazonas. Se o teatro é majestade, o Largo é abraço. Um representa o monumento; o outro, o povo.

Ao cantar o Largo de São Sebastião, Marquinhos Negritude reafirma que cultura não está apenas dentro dos teatros, ela também vive nas praças, nas ruas, nos encontros cotidianos.

O espetáculo mostra que a negritude canta ancestralidade, canta fé, canta amor — e também canta a cidade que a abriga. Manaus não é apenas cenário. É território de identidade, memória e pertencimento.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



“Largo de São Sebastião” — no coração de Manaus, a música encontra a memória, a cultura e o pertencimento.

## **SAMBA-ENREDO**

### **“DA ÁFRICA AO AMAZONAS, DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE”**

Memória histórica, resistência e celebração da identidade afro-amazônica. O espetáculo retorna ao seu eixo central com o samba-enredo apresentado no Carnaval de 2014 como enredo da GRES VITÓRIA RÉGIA – Manaus-AM. Agora, o palco do Teatro Amazonas se transforma em avenida simbólica. O show volta às raízes e reafirma sua essência: ancestralidade, luta e liberdade.

## **ESPIRITUALIDADE COMO FUNDAMENTO IDENTITÁRIO**

### **“SOB AS BENÇÃOS DO PAI OXALÁ VERDE E ROSA FELIZ VEM CANTAR”**

A abertura invoca Oxalá, símbolo de fé e criação. O samba reafirma que a espiritualidade de matriz africana é parte estruturante da identidade afro-brasileira.

Ao mencionar Umbanda, Quimbanda e Candomblé, o enredo legitima saberes historicamente marginalizados, o texto promove respeito à diversidade religiosa e combate à intolerância.

### **ÁFRICA COMO ORIGEM E ORGULHO**

“FILHOS DA ÁFRICA  
CUXITAS, ZULUS, YORUBÁS”

A letra rompe com a visão homogênea da África e destaca povos específicos, valorizando a diversidade cultural africana. Isso é educação histórica: reconhecer que há civilizações, etnias e heranças distintas.

“O NEGRO É LUZ, FORÇA, RAÇA E FÉ”

A narrativa substitui estigmas por afirmação positiva.

### **ESCRavidÃO: MEMÓRIA NECESSÁRIA**

“SOFREU HUMILHADO EM PORÕES  
RECLUSO EM NAVIOS TUMBEIROS”

O samba não romantiza o passado. Ele nomeia a violência da escravidão, reconhece a dor, mas também destaca a resistência:

“O SONHO DE TER LIBERDADE, DIGNIDADE  
O FEZ MAIS GUERREIRO”

A mensagem aqui é clara: lembrar não é reviver a dor, é fortalecer a consciência histórica.

### **DA DOR À CELEBRAÇÃO**

“BATE O TAMBOR, CELEBRA  
SOU BERÇO DO SAMBA, NÃO SOU QUALQUER UM”

O tambor, símbolo de resistência, agora é instrumento de celebração. A cultura que tentaram silenciar se tornou identidade nacional.

O samba transforma sofrimento em força cultural.

## **JUSTIÇA, IGUALDADE E LIBERTAÇÃO**

**“JUSTIÇA, IGUALDADE, AMOR, CAÔ XANGÔ  
QUEBRANDO GRILHÕES VEIO A ABOLIÇÃO”**

Xangô, orixá da justiça, aparece como símbolo da luta por equidade. A menção ao Amazonas que antecipou a abolição reforça o orgulho regional e a participação histórica do estado na libertação dos escravizados.

## **CULTURA VIVA E COTIDIANA**

**“DANÇA, JONGO, CAPOEIRA  
AJEITA O CABELO E O PANAMÁ”**

Aqui, identidade se expressa no corpo, na dança, no cabelo, na estética. É afirmação cultural cotidiana.

**“A FESTA DA NEGRITUDE  
NÃO TEM HORA PRA ACABAR”**

O encerramento reafirma que a luta não termina, mas também que a celebração da identidade é permanente.

Ao retomar o samba-enredo, o show conecta:

África e Amazônia

Escravidão e liberdade

Dor e celebração

Fé e resistência

Cultura e protagonismo

No palco do Teatro Amazonas, esse samba deixa de ser apenas memória carnavalesca e se torna manifesto educativo. Ele ensina história, afirma identidade e celebra a continuidade da ancestralidade viva.

A Negritude canta, e ao cantar, educa.

E ao ecoar seus versos, reafirma que a história não foi interrompida, ela resiste, se reinventa e segue em movimento. Cada batida do tambor é memória que pulsa e futuro que se anuncia. E o espetáculo segue com a certeza de que a cultura negra permanece viva, forte e essencial.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



Momento em que o espetáculo transforma o palco em avenida carnavalesca.

## **“TAMBORES, CRENÇAS E COSTUMES AFRO-BRASILEIROS – A BENÇÃO MÃE ZULMIRA”**

O espetáculo se encaminha para o ápice. Depois de percorrer fé, identidade, amor, cidade, ancestralidade e resistência, o show encerra com o samba de 2019 da GRES REINO UNIDO DA LIBERDADE, uma explosão de espiritualidade, cultura popular e afirmação afro-brasileira.

O palco vira avenida. O Teatro Amazonas vira terreiro, vira morro, vira passarela.

### **AXÉ QUE DESCE O MORRO**

**“EU VOU DESCER O MORRO ESPALHANDO AXÉ!  
OGÃ TOCA AEEE... O RUMPILÉ”**

A imagem é poderosa: o morro não é marginalidade, é território de cultura.

O ogã toca o rumpilé, o tambor chama, convoca, desperta.

Aqui, o tambor não é apenas instrumento musical.  
É instrumento de memória.  
É instrumento de identidade.  
É instrumento de libertação.

### **MÃE ZULMIRA: SÍMBOLO DE MATRIARCADO E TRADIÇÃO**

“ZULMIRA É MÃE DO MEU TERREIRO”

A figura da mãe de santo representa liderança espiritual, sabedoria ancestral, cuidado comunitário.

Encerrar o show evocando uma matriarca é reafirmar que a cultura afro-brasileira se sustenta na transmissão oral, na coletividade e na força feminina.

### **SINCRETISMO E RESISTÊNCIA RELIGIOSA**

“EPARREI IANSÃ! OYÁ  
SANTA BÁRBARA VEM NOS ABENÇOAR”

O samba evidencia o sincretismo religioso, estratégia histórica de resistência.

Mesmo diante da perseguição, a fé encontrou caminhos para sobreviver.

A obra reafirma:

Liberdade religiosa

Respeito às tradições de matriz africana

Combate à intolerância

### **DA DOR À REALEZA**

“O NEGRO QUE NOS PORÕES SOFREU CRUZANDO O MAR”  
“HOJE SOU REI, VOU FESTEJAR”

A transformação

De escravizado a rei.

De silenciado a protagonista.

De perseguido a celebrante.

O samba reescreve a narrativa histórica sob a perspectiva do orgulho.

## **CULTURA COMO RESISTÊNCIA COTIDIANA**

**“TEM LUNDU, MARACATU PARA DANÇAR  
BERIMBAU NA CAPOEIRA”**

A presença do berimbau retoma o início do espetáculo, ele fecha o ciclo, instrumento que abriu o show volta como símbolo de continuidade.

A cultura não é passado. É prática viva:  
na comida (feijoada, mungunzá)  
na dança  
na música  
na fé  
na roda de capoeira

## **POVO DE FÉ**

**“O POVO DO MORRO NÃO É DE BRINCADEIRA”**

A frase ecoa como afirmação de força, dignidade e resistência. É o Morro da Liberdade, berço da escola, território de gente de fé, guerreira, humilde e vencedora. Um povo que transforma dificuldade em potência e faz da cultura sua maior expressão de identidade e superação.

## **PROTAGONISMO E IGUALDADE**

**“SER NEGRO É SER PROTAGONISTA  
TER PONTO DE VISTA..., NÃO FOGE DA LUTA  
O DEUS É PAI, SOMOS IRMÃOS, TODOS IGUAIS”**

O encerramento é manifesto.

A negritude não pede espaço.

Ela ocupa, constrói, cria, lidera.

A mensagem final amplia a luta racial para uma mensagem universal de igualdade e fraternidade.

► Clique na imagem para assistir ao vídeo



Encerramento exaltando o pavilhão da Negritude, celebrando a cultura afro-brasileira.

## SÍNTESE E CONCLUSÃO

### **CANTA NEGRITUDE: ARTE, CONSCIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO**

O espetáculo Canta Negritude constrói, ao longo de sua narrativa artística, um percurso simbólico que une música, poesia, memória histórica e reflexão social. Mais do que uma sequência de canções, o espetáculo apresenta uma verdadeira jornada educativa que conduz o público por diferentes dimensões da experiência humana: espiritualidade, identidade, luta, amor, pertencimento e esperança.

Desde o primeiro momento, quando o som do berimbau ecoa no Teatro Amazonas, estabelece-se um chamado à ancestralidade. O instrumento, conduzido pela tradição da capoeira e representado pela presença do Mestre Camaleão, inaugura o espetáculo lembrando que a cultura afro-brasileira é fruto de resistência, sabedoria e transmissão de conhecimentos entre gerações. O berimbau abre caminho para uma narrativa que valoriza a memória, a espiritualidade e o pertencimento.

A entrada de Marquinhos Negritude cantando “São Benedito Me Dá Tua Proteção” transforma o teatro em espaço de fé coletiva. A devoção ao santo negro reafirma a espiritualidade popular como força cultural e elemento fundamental na construção da identidade afro-brasileira. A fé aparece como sustentação emocional, espiritual e histórica de um povo que sempre encontrou na religiosidade caminhos para resistir e seguir adiante.

Na sequência, “Canta Negritude” amplia essa dimensão espiritual para uma afirmação identitária e política. A música transforma expressões historicamente carregadas de preconceito em afirmações positivas de orgulho e protagonismo. O olhar que antes apontava e discriminava passa a reconhecer talento, beleza, sonho e potência. Ao mesmo tempo, a canção não ignora as desigualdades sociais e denuncia as estruturas que ainda atingem jovens negros, especialmente nas periferias.

Essa consciência se aprofunda em “Não Sou Invisível”, quando o sujeito negro afirma seu valor e sua presença. A música revela que visibilidade não é concessão, mas direito. Reconhecer o próprio valor torna-se passo essencial para romper barreiras e construir caminhos de autonomia.

O espetáculo também amplia a discussão ao dar voz à mulher negra. O monólogo “Somos a Existência que Pulsa”, interpretado por Jackeline Monteiro, apresenta a mulher preta como guardiã de memória, conhecimento e cuidado coletivo. Seu discurso revela que saberes transmitidos pela oralidade, pela vivência cotidiana e pela ancestralidade também são formas legítimas de conhecimento. O palco se transforma em espaço de reflexão sobre o protagonismo feminino negro e a importância da valorização de suas histórias.

Essa valorização ganha ainda mais força com a entrada de Cléia Alves, que inicia sua participação cantando “Princesa Dona Inês”, dançando e conduzindo o ritmo do Agbê do Maracatu, instrumento que ecoa como chamado ancestral. O som do Agbê envolve e silencia a plateia em um clima de evocação e reconexão cultural. A canção abre caminho para o monólogo “Nêga Sabará”, no qual a artista conduz uma reflexão sobre identidade, memória e pertencimento, mencionando mulheres negras históricas como Makeda, Nanny, Nzinga, Aqualtune, Dandara e Tereza de Benguela. Ao trazer essas referências, o espetáculo reconecta o público à herança africana e evidencia a força das mulheres negras como guardiãs de saberes, de resistência e de liderança, reafirmando seu papel fundamental na construção cultural, social e espiritual da sociedade.

Ao longo do espetáculo, a narrativa também revela que resistência não se faz apenas pela luta, mas também pela capacidade de amar, cuidar e construir relações. Canções como “A Nossa União” e “Olhar no Espelho” ressaltam a importância da autoestima, da afetividade e da construção de vínculos baseados em respeito, parceria e dignidade.

O espetáculo amplia ainda mais seu alcance ao celebrar a cidade de Manaus e seus espaços simbólicos, como o Teatro Amazonas e o Largo de São Sebastião. Ao cantar a cidade que acolheu sua trajetória, Marquinhos Negritude reafirma que identidade também se constrói no território. A Amazônia torna-se palco vivo da cultura afro-brasileira, mostrando que a negritude floresce em todos os cantos do país.

Nos momentos finais, os sambas-enredo “Da África ao Amazonas, da Escravidão à Liberdade” e “Tambores, Crenças e Costumes Afro-Brasileiros – A Benção Mãe Zulmira” retomam a memória histórica da diáspora africana e celebram a força cultural que transformou dor em resistência.

Os tambores, as religiões de matriz africana, a capoeira, a dança e a música aparecem como símbolos vivos de identidade, fé e continuidade histórica.

Assim, o espetáculo conclui sua narrativa reafirmando que a cultura afro-brasileira não é apenas herança do passado, mas força viva que continua construindo o presente e inspirando o futuro.

### **MENSAGEM FINAL**

Canta Negritude é, sobretudo, uma celebração da vida em sua dimensão mais humana e coletiva.

O espetáculo ensina que:

A inclusão nasce do reconhecimento da diversidade e do respeito às diferenças.

A fé é força espiritual que sustenta comunidades e fortalece a esperança.

O combate à intolerância é compromisso necessário para uma sociedade mais justa.

A igualdade racial é um princípio fundamental para a construção de cidadania.

O protagonismo negro reafirma histórias, talentos e identidades que sempre estiveram presentes na formação do Brasil.

O empoderamento feminino fortalece a liderança, a voz e a presença das mulheres negras na sociedade.

Mais do que um espetáculo artístico, Canta Negritude transforma o palco em espaço de aprendizagem, consciência e celebração da humanidade.

Canta Negritude também é um chamado à persistência e essa mensagem está explícita nas letras das músicas de Marquinhos Negritude.

Em cada verso, ecoa o incentivo a não desistir dos sonhos, mesmo diante das dificuldades, das portas fechadas e dos caminhos desafiadores. É sobre acreditar, seguir e transformar realidade em conquista.

As canções também revelam a importância de acolher, fortalecer e criar oportunidades para aqueles que historicamente foram deixados à margem. A luta contra o racismo e a intolerância está presente de forma direta, afirmando que a igualdade racial não é opção, é urgência e compromisso coletivo.

A própria trajetória de Marquinhos Negritude traduz essas mensagens. Autodidata no início, enfrentando exclusões e desafios, não se acomodou. Persistiu, buscou conhecimento e hoje realiza um espetáculo grandioso no Teatro Amazonas, com músicas autorais que carregam identidade, verdade e propósito.

Que esse exemplo nos convide a olhar para dentro e reconhecer a força, a coragem e a valentia do povo preto, uma força que resiste, cria oportunidades e transforma o mundo todos os dias.

Ao final, a mensagem que ecoa é simples e profunda:

Que a cultura seja ponte de diálogo.

Que a fé seja caminho de esperança.

Que a igualdade seja compromisso coletivo.

Que a paz e o amor sejam os valores que conduzem nossas relações.

Porque quando a arte canta a negritude, ela canta também a dignidade humana, a justiça e o direito de todos viverem com respeito, liberdade e felicidade.

E assim, entre tambores, vozes, histórias e abraços, o espetáculo termina como começou: celebrando a vida.

Com fé.

Com consciência.

Com amor.

## IMPACTO CULTURAL DO PROJETO

O espetáculo CANTA NEGRITUDE reafirma a importância da arte como instrumento de educação, consciência social e valorização da diversidade cultural brasileira. Realizado no palco do Teatro Amazonas em 06 de fevereiro de 2026, o projeto promoveu diálogo entre tradição e contemporaneidade, fortalecendo o reconhecimento da cultura afro-brasileira como parte fundamental da identidade nacional.



Marquinhos Negritude e Manoel Passos — produtor do espetáculo, profissional de grande visão e fundamental para a realização deste projeto, contribuindo de forma significativa para o fortalecimento da cultura no Amazonas e no Brasil. Sua atuação vai além da produção, sendo também incentivo, articulação e compromisso com a valorização dos artistas. Sua sensibilidade cultural e capacidade de realização fazem a diferença na construção de projetos que impactam e permanecem. É através de profissionais como ele que a cultura ganha força, visibilidade e continuidade.



O público veio ao teatro para ver Canta Negritude — e saiu transformado pela arte.

► [Clique na imagem para assistir ao vídeo do show](#)



Após o espetáculo Canta Negritude no Teatro Amazonas — uma celebração coletiva de arte, resistência e pertencimento.

# FICHA TÉCNICA DO ESPETÁCULO

## CANTA NEGRITUDE

### **Direção e Produção**

Direção Geral e Produção: Manoel Passos

Direção: Marquinhos Negritude

Direção Musical: Marcos Kleber

Auxiliares de Produção: Naiá Leide, Lilian Monteiro e Liandra Martins

### **Produção Técnica**

Imagens: Fluxo Creative Produções

Técnico de Som: José Wilici

Designer: Célio Robson

### **Captação de Áudio**

Captação de Áudio: Adson Lisboa (Popó)

Assistente de Captação de Áudio: Aguinaldo Oliveira

Assistente de Captação de Áudio: Rodrigo Lizeu

### **Técnica**

Iluminação: Marcos Ylmer

Slides Telão: Adriano Emanuel

Intérpretes de Libras: Joice Medeiros e Priscila Printes Fotos:

Francisco Cabral e Cleuton Silva

Som de Estúdio: Bruce Castro

## **Banda**

Violão: Marcos Kleber

Cavaquinho: Marcondes Kalango

Teclado: Anderson Farias

Baixo: Bruce Castro

Bateria: Márcio Batera

Flauta: Ariel Arfaxade

Trombone: Luciano Monteiro

Trompete: Renato Frós

Percussão 1: Carlos Tony

Percussão 2: João Paulo

Back Vocal: Claudinha Nascimento

Back Vocal: Alberley Ramos

## **Participações Especiais**

Berimbau: Mestre Camaleão

Monólogo: Jackeline Monteiro

Canto e Poesia: Cléia Alves

Intérprete de Samba: Hemerson Corrêa

Porta-Bandeira: Jade Brito

Mestre-Sala: Jorge Luís Corrêa (Nego Jorge)

Passista: Keisy Rosa

Passista: Luciano Bezerra

## **Bateria Show**

Surdo de 1: Diego Luís

Surdo de 2: Judson Sicsú

Surdo de 3: Walbert Queiroz

Repique: Luan McDowell

Chocalho: Martinez de Souza

Tamborim: Pablo Brito

Caixa: Kelison Silva

Caixa: Matheus Magno

Caixa: Douglas Malcher

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todos os artistas, músicos, técnicos, produtores e parceiros que contribuíram com dedicação e talento para a realização do espetáculo Canta Negritude, tornando possível este encontro de arte, memória e celebração da cultura afro-brasileira.

Nossa gratidão se estende ao público que esteve presente, compartilhando emoção, respeito e energia em cada momento da apresentação.

Agradecemos de forma especial ao Teatro Amazonas, que nos recebeu em seu palco histórico, abrindo espaço para que a música, a poesia e a ancestralidade negra ecoassem no coração da Amazônia.

Também registramos nosso reconhecimento às instituições e apoiadores que acreditaram neste projeto e contribuíram para que o espetáculo se tornasse realidade.

## **REALIZAÇÃO**

Lei Rouanet

Patrocínio:  
JR Adamver

Apoio:  
AADC

Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do  
Amazonas

Governo Federal – Ministério da Cultura